

## Da Mesopotâmia ao Brasil: Zahed Taj-Eddin fala sobre sua produção e as influências contemporâneas

Clauder Diniz  
Universidade de Brasília

Em maio e junho de 2016, o artista sírio Zahed Taj-Eddin expôs, em Brasília, vinte trabalhos em cerâmica, a maioria em tamanhos pequenos, com referências às tradições do seu país. Algumas obras possuem arabescos ou formas em baixo relevo, que nós ocidentais identificamos rapidamente com a arte produzida no Oriente, como as que retratam o leão de Al-Lat, destruído por fundamentalistas religiosos, junto com outras esculturas antigas, em Palmyra, no sul da Síria. Mas grande parte das obras possui características globais, e não seria fácil identificá-las como de um artista do Oriente Médio.

Essas esculturas celebram os espetáculos da Antiguidade com acrobatas, cavalos e touros, e o material chama a atenção: são feitas por um processo de vitrificação de argila com quartzo, queimado em altas temperaturas. As peças também apresentam cabras e cervos, que, ao contrário do poder e força simbolizados pelos touros, representariam a presença do espírito lúdico e rebelde que subverte o jogo de poder e da força.

Além da formação em artes plásticas, Zahed é arqueólogo, com doutorado pela Universidade de Londres, Inglaterra, onde conseguiu reproduzir com elementos químicos atuais a faiança, um processo do antigo Egito e Mesopotâmia, de 4000 A.C., o qual ele explica nesta entrevista. Com essa descoberta, o artista desenvolveu a série *Liberation*, pequenas figuras humanas inspiradas nos amuletos com os quais os povos

da Antiguidade enterravam seus mortos, os 'U' *Shabtis*. Uma releitura contemporânea que dialoga com a arte oriental e foi parar nas coleções permanentes de dois museus londrinos, o *Museu Petrie* de Arte Egípcia e o Museu Victoria & Albert. Nesta entrevista, ele revela como é ser um artista de formação clássica, do Oriente, produzindo arte em Londres, onde vive há 20 anos.

CLAUDER DINIZ - *Eu fiquei surpreso com seu trabalho porque, fora algumas poucas peças, a maioria não traz, pelo menos para mim, característica de arte do Oriente. Como foi sua formação como artista e como conseguiu reproduzir esse material que é de cerâmica mas tem uma consistência e brilho de metal?*

ZAHED TAJ-EDDIN - Eu me formei em artes plásticas e em química na Síria, fiz duas graduações. Então eu deixei a Síria, me mudei para a Alemanha, onde fiz Arqueologia. Me especializei não em Arqueologia que procura algo cavando, mas em objetos. Na Alemanha, não completei meu curso, não me sentia confortável lá, depois de 3 anos fui para a Itália, onde morei 2 anos, e em seguida, em 2006, me mudei de vez para Londres, na Inglaterra. Eu quis fazer Arqueologia porque fui criado rodeado por sítios arqueológicos; eu era jovem, ia para o mercado na sexta-feira ou aos domingos, onde encontrava os beduínos ou os fazendeiros e eles levavam os objetos que achavam para serem vendidos. Era muito comum, porque na Síria você consegue ver sítios arqueológicos de até dezesseis camadas de civilização. Então quando era minha carreira de escultor começou, um dos meus primeiros trabalhos, no Méridien Hotel, aos 18 anos, estagiando com um escultor que foi contratado para fazer esculturas do interior do hotel, um dos meus primeiros trabalhos foi ir para museus e

estudar os *cyliders seals*, pequenos cilindros esculpidos com minúsculas e delicadas esculturas da Mesopotâmia, de 4000 A. C., todo mundo deveria ter um desses cilindros, ele era coberto com argila e depois esculpido, e carregado como um amuleto, para trazer energias positivas. Então, eu costumava ir aos museus copiar essas esculturas, em tamanho maior para o interior do hotel. E foi então que comecei a me interessar pela arqueologia e os elementos estéticos da Arqueologia. Comecei a desenvolver o interesse, mas não estudei ainda. Antes, comecei a estudar Belas Artes, foi uma formação muito clássica, vi em todos os períodos muito anatomia, os modelos de beleza da Grécia, de Roma, mas com o passar dos anos, minha carreira mudou, comecei a trabalhar com cerâmica, estudando as técnicas antigas e tradicionais. E foi então que me tornei um pequeno restaurador, na Síria e nos outros países onde morei. Quando mudei para Inglaterra, eu abri uma galeria, acho que isso vem do nosso sangue essa necessidade de comercializar, você não consegue resistir. Por 5 anos. Depois fiquei meio com temor de perder minha grande paixão que é a arte e desisti do negócio. Eu também, assumo, gosto da academia, e por isso voltei a estudar Arqueologia, fiz mestrado em Arqueologia em Londres e fiz doutorado em Ciência da Arqueologia e Belas Artes, e essa exposição em Brasília, de fato, é parte da minha pesquisa sobre essas figuras, que são as azuis, você pode ver que são tipos antigos de vidro. Este material é o ancestral do vidro. Antes do vidro e antes da cerâmica, a gente conhecia este material, é chamado de *egipcian feince* - faiança egípcia - o termo está ligado à uma cidade da Itália, que tem um certo tipo de cerâmica, feita de argila branca e vitrificado com cores vibrantes, e quando os antigos arqueologistas viram material similar no Egito deram o mesmo nome. Entretanto, esse material surgiu

originalmente na Mesopotâmia, mas foi no Egito, onde o clima é muito bom, que a cerâmica foi preservada, mais do que na região da Mesopotâmia. Esta foi minha pesquisa no PhD, peguei um material antigo original no museu, cortei uma amostra, analisei com um microscópio eletrônico e consegui definir os elementos químicos. A partir dessa descoberta tentei reproduzir, porque a análise infelizmente não consegue dar toda a história, a composição inteira. Então fiz vários experimentos e tentei compreender como eles conseguiram fazer aquela cerâmica. Mas mesmo com todos os elementos químicos, não consegui trabalhar como escultores, porque consegui só uma pasta, não era uma argila boa para fazer esculturas, foi quase impossível, eles tinham certos truques que você tenta através dos estudos descobrir, como eles moldavam as peças antes de esculpi-las. Eles moldavam, cortavam e esculpiam. Desenvolveram o próprio jeito de fazer este material, depois faziam os detalhes finos.

*C.D. - Então você chegou perto, mas não conseguiu reproduzir exatamente como era. Mas onde conseguiu o material original para o início da pesquisa?*

*Z.T.E. - De coleções de museus na Inglaterra. Identifiquei a fórmula química, que são basicamente três materiais: sílica (que é areia), carbonato alcalino de sódio, para fundir a areia e cobre oxidado, o que dá essa cor azul. É uma tecnologia muito simples.*

*C.D. - Então a cor não é pintura, é própria da cerâmica. E para chegar a esse tom, depende da temperatura?*

*Z.T.E. - Sim, isso está muito mais ligado ao vidro do que a cerâmica. Vidro*

é basicamente sílica, areia, que precisa de alta temperatura para derreter e produzir vidro. De alguma forma, na antiga Mesopotâmia eles descobriram que se você acrescenta elementos de sódio, carbonato de sódio, bicarbonato, você reduz a temperatura de derretimento. Então, 90% é sílica, 4% carbonato de sódio e 1% é cobre oxidado que dá essa coloração azul. Você mistura tudo, deixa secar e deita em sal desenvolvido. O sal e o fogo se fundem na superfície que contém sílica e faz dela vidro, nós temos neste material só vidro na superfície, se tem mais alcalino, tudo se derrete e você tem só vidro. Mas, historicamente, o homem só conseguiu produzir vidro em 1.600 A. C., já a faiança ocorreu antes, em 4.000 A. C. Demorou muito até eles atingirem o ponto de produzirem vidro. Imagine, nós estamos falando de 4 mil anos antes de Cristo e estamos apenas em 2 mil anos depois. Então, isso é uma longa história, um longo processo para desenvolver essas coisas.

C.D - Quais suas referências artísticas, na sua formação?

Z.T.E. - Síria é uma das influências, é minha origem, minha terra natal, mas ao mesmo tempo tem uma longa história. Foi na Síria que tivemos notícia que o homem começou a se alimentar com vegetais; foi lá a primeira vez que o ser humano decidiu se organizar para a caça - ajuntamentos de caçadores - e viver em pequenas comunidades, mantendo a atividade de agricultura. Tudo aconteceu em regiões da Mesopotâmia, onde hoje está parte da Síria. Nessa região o homem cresceu do neolítico até a Era do Bronze, Era do Ferro, o período Clássico, você consegue ver tudo na Síria, cultura grega, romana.

*C.D - Então quer dizer que foi influenciado por todos esses países?*

Z.T.E. - Sim, como arqueologista trabalho com todas essas culturas, sou influenciado por todos esses povos. Meu interesse não é um país, mas é a cultura material, e como artista tudo interessa. Quando você cresce numa nação como Síria, você vive rodeado por sítios arqueológicos, por objetos, estátuas, monumentos, então como artista você é inspirado por tudo isso. Eu conheci muito sobre mitologia, sempre fui fascinado, mas o principal foi a religião. Principalmente quando se é adolescente você se questiona, é mais fácil acreditar. Ainda mais na Síria que é um país multiétnico e multi religioso. É muito impressionante. E agora infelizmente vemos essa guerra. Eu cresci em um bairro judeu, mas tinham diferentes ordens cristãs, mulçumanos, judeus, árabes, e tendo contato com essas religiões, como adolescente, você está mais aberto e se questiona porque não seguir esta ordem e seguir outra. Qual esta certa, qual esta errada? Foi quando comecei a estudar história, ler, porque na minha cabeça tudo o que recebemos de pensamentos religiosos começou em algum lugar do passado e se você quer saber realmente, tem de voltar ao passado e não por meio das informações contaminadas que temos agora.

*C.D. - Mas com toda essa influência dos povos antigos, da história do seu país, e tanto tempo morando na Europa, como você classifica sua produção artística hoje? Você se considera um artista contemporâneo?*

Z.T.E. - Para mim arte é linguagem, se eu vivo no presente então eu produzo no presente, mas o que é Arte Contemporânea? Eu não sei definir

exatamente. Vamos dizer que seja um trabalho abstrato, conceitual, com elementos diferentes. Enfim, mas eu não quero seguir qualquer coisa, qualquer ordem. Para mim, importante é originalidade, é o principal tema. Minha influência é do passado, mas minha linguagem é moderna. De novo, meu uso de material, meu uso de conceito e de apresentação de trabalho pode ser contemporâneo, mas o que é Arte Contemporânea?

*C.D. - Acho que sobre essa questão ainda não existe consenso, mas quero saber qual sua opinião. O que é Arte Contemporânea para você que foi criado no Oriente Médio e vive na Inglaterra?*

Z.T.E.- Para saber o que é contemporâneo, você deve ir a Tate Modern e ver o que é produzido hoje, não me sinto talvez pertencente a este mundo muito contemporâneo, mas também não me importo, porque para mim o importante é minha linguagem, minha inspiração, meu jeito de expressar meus valores estéticos e minha história. É claro que eu faço trabalhos muito conceituais, que são considerados hoje contemporâneos, e nesse sentido eu posso me enquadrar como artista contemporâneo. Mas todas essas coisas são noções para o público, porque, como arqueólogo, arte não é definida pelos tempos que estamos vivendo, por hoje, mas arte só pode ser definida por gerações que ainda virão. Porque tempo é o filtro verdadeiro dos objetos e da arte.

*C.D.- Então é uma questão que não te preocupa.*

Z.T.E. - Não, eu sinto que daqui a uns 50 anos, um monte da chamada arte moderna, obras feitas em madeira, metal, não sei, vão estar na lixeira, as

pessoas não vão querer mais, não vão mais entusiasmar as pessoas. Isso é válido apenas hoje, essas ideias de Arte Contemporânea. Acho que o tempo vai filtrar tudo e definir melhor o que é arte.

C.D.- *Quando você diz que é influenciado pela história do seu país....*

Z.T.E. - (interrompe) História do mundo, eu não me limito à História do meu país. Você sabe, o meu país significa várias camadas de nossa história, da Mesopotâmia, gregos, romanos, árabes, e todo povo diferente, como os turcos, indianos, europeus, eles todos passaram pela Síria, e eles todos representam um bonito mosaico dessa combinação de cultura, de religião e história. Então, quando você viaja aprende principalmente que o mundo é pequeno e que você pertence a uma comunidade maior. Eu me sinto assim: do mundo. Não me limito a um país.

C.D.- *Mas você também tem uma história de vida bem incomum, saiu da Síria há muito tempo. Está vivendo em Londres por 20 anos. Morar na Inglaterra, por tanto tempo, impacta seu jeito de produzir arte?*

Z.T.E.- (demora pra começar a responder) Não sei se isso influencia meu jeito de produzir arte. Realmente não sei. Mas definitivamente influencia meu jeito de viver. Morar na Alemanha, estudar lá, uma sociedade muito sistemática, mais velha, muita ordem para tudo, ensina a você certas regras, certos valores, tudo tem de ser organizado, mas isso me forçou a criar um certo jeito de se aproximar das coisas e conhecê-las. Para os artistas, é um jeito meio velho de ser, muito rígido. Esta não é minha cultura, mas ao mesmo tempo pode influenciar meu caráter. Muita gente



vira para mim e diz que eu sou mais europeu que sírio, mas eu prefiro pensar que sou as duas coisas. O espírito do Oriente e, talvez, mais velho o sistema do Ocidente. Sou híbrido nessa confusão entre Oriente e Ocidente

*C.D.- Hans Belting diz que a força dos países europeus e dos Estados Unidos em definir o que é arte pressiona o mundo todo, acaba surgindo uma arte com características globais. Você acha que sua arte é uma forma de resistência contra essa influência?*

Z.T.E. - Definitivamente. Eu acho que uma das coisas de ser do Oriente, Oriente Médio, e até mais longe, China e Índia, é que você tem mais valores espirituais do que materiais, algo que é mais dominante na sociedade europeia. Eu não quero usar a palavra luta, mas isso levanta uma questão sobre onde você está, onde está o equilíbrio, como você pode ser criado para se desenvolver espiritualmente e ao mesmo tempo aceitar a vida material, o consumismo. Eu prefiro acreditar que sou uma fusão entre os dois. Mas quanto ao sistema material, não temos escolha, vivemos numa sociedade que funciona de um jeito que impõe certo materialismo, mas temos de tentar preservar os valores espirituais. Mas não se esqueça, sou arqueólogo, para mim não se pode falar em uma arte apenas. O que é Arte Europeia? Arte Medieval? Celta? E, depois de um longo caminho, Impressionista?

*C.D.- Essa é uma longa história, eu falo de Arte Contemporânea.*

Z.T.E. - Você está falando sobre arte atualmente? Você se refere ao século XXI na Europa e o Oriente Médio? O que posso dizer é que, como a

atmosfera global esta forçando todo mundo a produzir arte de uma única maneira, porque os valores são europeus, então todo mundo, no século XXI, está sofrendo essa pressão. Até mesmo no Oriente Médio, apesar de termos uma cultura rica, com uma rica inspiração, ricos elementos artísticos, nós seguimos o moderno, o da moda, o que é tendência. É o poder, é a dominação da Europa e dos Estados Unidos, do Novo Mundo. Eles têm novos valores, podem determinar o que é arte, até, em alguns casos, para a Europa. Você vai para América e lá tem o Guggenheim e outras instituições poderosas de arte moderna e contemporânea, elas introduzem novos valores sobre o que é arte e todo mundo segue porque o que interessa é dinheiro. Dinheiro hoje determina as coisas. Então, os compradores querem acompanhar o que os críticos dizem, o que eles consideram que é arte atualmente, e todo mundo segue, e todos os artistas fazem igual, seguem uma tendência, tomam aquilo como um modelo a seguir.

*C.D.- Então Belting tem razão, existe uma arte global e você está dizendo que a arte produzida no oriente pode ser similar a da Europa.*

Z.T.E. - É um fenômeno global. Se você olha a arte no Irã ou na China, são iguais. Os iranianos, hoje, têm uma produção muito bonita, interessante, estão usando muita colagem, instalações, vídeo-arte, tem de tudo no Oriente Médio, tudo isso é muito comum agora. Esta é a atmosfera global que faz os artistas terem os mesmos trabalhos. Mas eu insisto em dizer que a gente não pode dizer o que é este fenômeno, temos de esperar uns cinquenta ou cem anos. Meu trabalho é de pesquisa de cinco mil anos, portanto, meu trabalho é pré-clássico.

C.D.- *Qual o papel dos museus atualmente? Eles têm de exibir, de fomentar a crítica, mas qual é a responsabilidade dos museus nesse contexto de globalização da arte?*

Z.T.E. - Para mim, os museus são os novos templos, a nova igreja. Hoje em dia são mais visitados do que as igrejas, mesquitas ou sinagogas. Se viaja para a Europa, você visita um museu atrás do outro. O Museu Britânico tem 11 milhões de visitantes por ano, nenhuma igreja tem isso, é uma nova religião. Infelizmente, muito dessa atividade é só um modismo e turismo, as pessoas têm de ir lá tirar uma foto rápida da Monalisa ou de qualquer coisa, e tem de partir para outro ponto turístico. Sem aproveitar de verdade qual o sentido dos museus e das coleções. Uma parte do meu último trabalho é sobre isso, são aquelas figuras egípcias que apresentei em museus expostas no meio de peças antigas de modo a questionar essa relação entre arte e objetos da antiguidade. Começou no Museu Petrie de arqueologia egípcia e agora está exposto permanentemente no Museu Victoria e Albert, que comprou algumas peças, e a próxima etapa vai ser na primavera em um museu de Manchester. Meu trabalho está muito ligado ao museu, porque eu questiono o lugar da arte contemporânea exibindo essas figuras com a Arte Antiga, o que a Antiguidade produziu e mostrou, eu quero convidar o público por meio da minha arte a começar a questionar quais são nossos valores artísticos atuais e os valores de milhares de anos atrás. Essas figuras eram tradicionais. Todo mundo no Egito Antigo, principalmente os ricos, acreditavam mais na vida após a morte mais do que na vida atual. Para eles, o mundo todo estava lhe preparando para a outra vida. Então, uma das práticas era produzir essas

pequenas estátuas, conhecidas como 'U' Shabtis, que deviam ser servos, para os túmulos. Cada túmulo tinha 405 'U' Shabtis, 365 para cada dia do ano e 40 para decidir e supervisionar quem vai trabalhar naquele dia. Eles eram feitos principalmente de faiança. Quando os arqueólogos escavaram os túmulos, encontraram milhares deles, porque os homens ricos, como reis, levavam muitos servos, milhares deles, esperando a vida depois da morte. E se os túmulos fossem abertos hoje, no século XXI, e se os 'U' Shabtis saíssem para fora? Iriam ver que quase não acreditamos em Deus, não acreditamos no outro mundo, mas acreditamos em consumismo. É por isso que eles estão comprando, estão com celulares, com roupas de futebol, com skate, e brincando com esses códigos, para, no final, criticar nossos padrões. E não somente isso, lendo livros, fotografando, eles estão protestando contra o sistema. A ideia é a liberação dos 'U' Shabtis, que chamo de 'Nu Shabtis', é libertação dos servos. Livres da tarefa de trabalhar como servos, alguns são contra esse consumo e mostram a oposição para os políticos. Por isso temos esse cartaz FORA, para os políticos. Eu deixei livre porque você pode usar para Temer ou Dilma. Mas esse é um toque brasileiro.

*C.D.- Você explicou que teve uma formação clássica, mas suas figuras humanas, apesar de terem uma anatomia perfeita, não parecem clássicas no gestual, estão mais para arte contemporânea, não acha?*

Z.T.E - Sim, são muito atuais, muito modernas. Era o que eu sentia naquele momento. Esta aqui está na galeria, de cabeça para baixo. Eu a pendurei numa corda. Dessa vez, eu não trouxe os lápis. Quando eu produzi essa peça foi depois de um ano da guerra da Síria, eu estava na

Inglaterra recebendo notícias o dia inteiro. Não queria ouvir notícias, queria tapar seus olhos, não ver nada, porque só se vê essa matança, esse sangue. E deitar numa cama de lápis representa para mim mídia, porque somos bombardeados pela mídia diariamente, contando histórias sobre a guerra, sobre as mortes, mas ninguém reage. E isso é frustrante para mim, porque cada artigo ou reportagem é outro prego no nosso corpo.

*C.D.- Você acha que as escolas de arte também direcionam o ensino para uma certa prática artista ligada à essa formação europeia e global?*

Z.T.E - Boa questão. Imagine se a gente faz uma escultura clássica? Os gregos já fizeram isso, Michelangelo fez maravilhosamente, agora atualmente a gente faz impressões em 3D exatamente o mesmo, até melhor que a escultura, mas não têm valores artísticos. Então, arte, hoje, tem de ser mais conceitual, mais do que apenas estético. Algumas vezes, hoje, tem um novo jeito de fazer arte, eles se chamam curadores. Eles são artistas, chegam e dizem o que as pessoas têm de fazer, você faz isso, aquele ali faz outra coisa,... e pronto...

*C.D.- Curadores são artistas, para você?*

Z.T.E - Eles podem ser, de alguma forma. Veja, para mim é difícil entender isso porque sou da velha guarda, de outra geração, sou arqueólogo, sou classicista, a minha prática e meu estudo são clássicos. Eu ainda vejo que o ofício é importante, o artista tem de entender, tem de percorrer etapa por etapa, degrau por degrau, não pode pular direto para cima, e hoje tem muitas pessoas que pulam direto para o topo, dizendo que é um artista

moderno. Até mesmo Picasso se iniciou pelo clássico, como também Van Gogh. Todos os grandes artistas, para atingir a maturidade de seus trabalhos, de seus produtos, estudaram muito. Eu não me sinto confortável quando as pessoas usam Arte Contemporânea, porque para mim Arte Contemporânea é apenas um conceito de objetos encontrados, e isso é apenas para consumo. Eu acho chato, talvez da mesma forma que eles achariam da representação da Arte Clássica.

*C.D.- Você acha que as instituições ainda rotulam a arte produzida no Oriente Médio como étnico? Mesmo quando constatamos influências do Ocidente? Isso acontece mesmo? São trabalhos étnicos ou arte?*

Z.T.E - Veja, eu não sou crítico de arte, sou um artista, eu pratico arte. O que acontece, eu não ligo muito para mercado de arte, para o que está na moda, ou nos museus, eu produzo arte segundo meus sentimentos, mas, talvez, respondendo a sua questão, tenho percebido que a maioria da reação do público, inclusive de críticos modernos, eles veem meu trabalho como representação contemporânea de valores da antiguidade, é uma fusão dos dois mundos de algum jeito. Mas não me importa muito, não sou crítico, eu faço o meu trabalho. Não tem artista étnico, tem um artista de ofício, artesão, que produz artefatos que talvez possam ser considerados étnico, e talvez hoje a gente possa considerá-lo arte etnográfica, mas este não é o caso do meu trabalho, porque ele não tem uma funcionalidade, é arte e só. O mundo é difícil para os artistas porque as instituições são duras, muitas vezes elas descartam trabalhos por não serem contemporâneos. Não podemos negar que há muito lobby, tem diferentes lobbys em todos os lugares, críticos de arte, mercado de arte,

eles impulsionam um artista, tornam-no celebridade, uma estrela, como o Damien Hirst, Tracey Emin, como faz a Saatchi Gallery. Entretanto, você diria que a escultura de Tracey Emin, a cama ou seus mamilos, vai ter o mesmo valor daqui a cem anos? É muito difícil dizer. Mas podemos questionar porque vivemos em uma bolha do tempo, e algumas vezes não temos escolha. Eu vivo em 2016, que posso fazer? E eu até acho que há um retorno ao gosto do clássico.